

# MARIA BONITA E DADÁ REVISITADAS: A ANÁLISE DE SUA IMPORTÂNCIA PARA O CANGAÇO E SEU REGISTRO NA LITERATURA BRASILEIRA COMO UM TESTEMUNHO DE SUA PRÁTICA CULTURAL

*MARIA BONITA AND DADÁ: AN ANALYSIS OF THEIR IMPORTANCE FOR THE CANGAÇO AND THEIR PRESENCE IN BRAZILIAN LITERATURE AS A PROOF OF THEIR CULTURAL PRACTICE*

Yls Rabelo Câmara<sup>1</sup>  
Yzy Maria Rabelo Câmara<sup>2</sup>  
Melina Raja Soutullo<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa analisar panoramicamente a figura da cangaceira, bastante menos tratada academicamente que a do cangaceiro e a do cangaço *per se*. Nele destacamos Maria Bonita e Dadá, as mais conhecidas e importantes destas mulheres, representantes de um estilo de vida temerário e instigante. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico que tem como teóricos nomes do quilate de Santos (2010), Freitas (2005) e Grunspan-Jasmin (2001), entre outros. Primeiramente canalizamos nosso foco para a realidade do cangaço antes que elas nele adentrassem e, uma vez cangaceiras, quais as dificuldades mais comuns que enfrentavam. Em seguida, analisamos brevemente Maria Bonita e Dadá e sua importância para o cangaço. Com o intuito de melhor compreendê-las, analisamos seus perfis psicologicamente à luz de Friedrich (1996), Ameno (2000), Dória (1981) e Nunes (2000), entre outros. Por fim, analisamos a importância do tema do cangaço para a Literatura Brasileira, que reflete a prática social que lhes caracterizava.

**Palavras chave:** Cangaço; Mulheres no Cangaço; Sertão, Nordeste Brasileiro

**ABSTRACT:** This article aims at briefly analyzing the *cangaceira*, who is further less studied than the *cangaceiro* and the *cangaço per se*. We highlight Maria Bonita and

<sup>1</sup> Yls Rabelo Câmara é licenciada e especialista em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa (Letras – Inglês) pela Universidade de Santiago de Compostela e especializanda no ensino do espanhol como língua estrangeira pela Faculdade Ateneu. Possui vinte e seis anos de experiência docente e atualmente é tutora a distância nas coordenações de português, inglês e espanhol, na faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará em parceria com a Universidade Aberta do Brasil – UFC/UAB e professora de pós-graduação em Letras – Inglês na Faculdade Ateneu. ylscomara@hotmail.com

<sup>2</sup> Yzy Maria Rabelo Câmara é licenciada e bacharel em Psicologia e bacharel em Serviço Social pela Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará respectivamente e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. Clínica em Fortaleza há mais de dezesseis anos em consultório próprio e no Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto e tem doze anos de prática docente em diversas IES do Ceará. Atualmente é professora de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Ceará – e tutora a distância pela UFC/UAB. yzyrabelo@hotmail.com

<sup>3</sup> Melina Raja Soutullo é licenciada e mestra em Filologia Hispânica pela Universitat de València. noaveiga@hotmail.com

Dadá here, the most famous and important of those women, who represented a way of life both dangerous and riveting. This way, we did a bibliographical survey based on some theorists like Santos (2010), Freitas (2005) and Grunspan-Jasmin (2001) among others. First of all, we focus on the reality before the *cangaceiras* joined the *cangaço* and, once they became part of them, we analyze the difficulties they had to face. Then, we treat two of them shortly, Maria Bonita and Dadá, and their importance to *cangaço*. In order to understand them better, we analyze their profiles psychologically, according to Friedrich (1996), Ameno (2000), Dória (1981) and Nunes (2000), among others. Finally, we analyze the importance of *cangaço* for Brazilian Literature, which reflects the social practice which characterized them.

Key words: *Cangaço*; Women in *Cangaço*; Backcountry, Brazilian Northeast

## O CANGAÇO ANTES DAS CANGACEIRAS

De certo, as cangaceiras não tiveram como objetivo uma revolução, uma união pela equidade, porém, seus atos, por mais isolados que sejam, dentro do contexto já descrito, são a representação do princípio da modificação nas práticas e discursos de gênero no sertão (SANTOS JR., 2010, p. 134).

A palavra *cangaço* vem de *canga*, peça de madeira atrelada ao pescoço do gado bovino. Como os degradados sociais a quem se passou a chamar *cangaceiros* eram obrigados a campear levando o mínimo possível de seus pertences consigo, foram desta forma alcunhados por lembrarem bois *encangados*. O *cangaço* teve conotações positivas e negativas a depender das variáveis geográficas, políticas e sociais em questão. Enquanto que em algumas regiões os cangaceiros eram idolatrados como heróis e justiceiros, em outras eram considerados bandidos perigosos e cruéis. Tudo dependia do apoio que recebiam (ou não) das fazendas, vilarejos ou cidades que atacavam. Pode-se subdividir sua ação em duas, basicamente: ou trabalhavam para os coronéis latifundiários do sertão, provendo-lhes segurança e recebendo deles quartéis e asilos na caatinga, ou independentemente, tendendo ao banditismo (CLEMENTE, 2007). No mais das vezes, suas boas ações consistiam em roubar dos ricos para dividir com os pobres; as más, em assaltos, saques, sequestros, estupros, assassinatos e ações sanguinárias que visavam impor o respeito à custa do temor que infligiam. O bandido social típico é assim descrito por Dória (1981, p. 11): “[...] é, em geral, membro de uma sociedade rural e, por razões várias, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. Apesar disso, continua a fazer parte da sociedade camponesa de que é originário e é considerado como herói por sua gente, seja ele um ‘justiceiro’, um ‘vingador’ ou alguém que ‘rouba aos ricos’”. Os cangaceiros enquadravam-se perfeitamente nesta definição.

Para ser um bom cangaceiro necessitava-se, sobretudo, de coragem. Era preciso ser um exímio conhecedor da região seca e inóspita que o circundava; saber onde estavam os mananciais e as rotas de fuga mais próximas; entender de plantas medicinais e ter resistência à fome, à sede, ao sono e ao pânico da morte iminente. O primeiro cangaceiro de quem se tem notícia foi o famigerado Cabeleira, como era conhecido José Gomes, nascido em 1751, na zona da mata pernambucana. O primeiro grupo de cangaceiros foi o de Lucas Evangelista, o Lucas da Feira; eram aproximadamente trinta homens que atuavam na região de Feira de Santana, na Bahia, entre 1828 e 1848, até que seu chefe foi finalmente capturado e enforcado um ano depois. O bando mais famoso foi o de Lampião, que nunca contou com mais do que cinquenta “cabras”. O último e não menos famoso pertenceu ao discípulo direto deste, Corisco, que morreu junto com vários integrantes de seu bando no ano de 1940, em uma emboscada na casa de farinha da Fazenda Pacheco, na cidade de Barra do Mendes, na Bahia.

O cangaço foi um fenômeno social tipicamente nordestino, nascido da necessidade de se fazer justiça sem contar necessariamente com a força repressora do Estado para isso. O pano de fundo para o seu surgimento foi a seca de 1877. Famintos, os flagelados assaltavam as ricas fazendas dos “coronéis”, os comboios e o comércio local. Nos idos de 1901, surgiram os primeiros grupos de sertanejos que iriam impor a ordem naquele caos, mescla de abandono e medo. Os rebeldes, protegidos pelos “coronéis”, entravam para o crime como uma forma de sobrevivência e de aplacar sua ira contra as classes dominantes.

Tal como supracitamos *en passant*, como *modus operandi* identificatório, usava-se a força bruta para reduzir moralmente os inimigos. Era costume entre os cangaceiros maltratar as mulheres alheias ao bando, especialmente as que estavam vinculadas à polícia e aos delatores. Dentre os castigos morais mais ignominiosos estavam o de expô-las nuas em praça pública e raspar-lhes a cabeça, além de marcar-lhes os rostos com ferro em brasa. Quando as cangaceiras eram capturadas pelos perseguidores e inimigos de Lampião, a retaliação tinha o mesmo grau de crueldade. À guisa de ilustração, quando a cangaceira Neném foi assassinada pela “volante”, teve seu corpo vilipendiado, violentado sexualmente por cachorros incitados pelos próprios policiais que deram cabo de sua vida (FREITAS, 2005). Segundo este mesmo autor, quando houve o massacre em Angicos, em 1938, onde onze cangaceiros (dentre eles Lampião e Maria Bonita) foram surpreendidos pelos “macacos”, ao darem com o corpo sem vida da Rainha do Cangaço, estes “caçadores de cangaceiros” profanaram seu cadáver ao introduzirem uma vara em sua vagina depois de havê-la deixado completamente nua.

Antes, quando um cangaceiro se apaixonava e queria ficar perto de sua amada, deixava-a a salvo em algum lugar seguro e a visitava de quando em vez (DÓRIA, 1981). Esta realidade mudou em 1930 com a entrada de Maria Bonita no bando de Lampião. Diferentemente do que se acreditava *a priori*, a presença feminina humanizou o cangaço. Os cangaceiros, antes violadores por excelência, não puderam mais

seguir praticando este delito por respeito à *mulé* do *Capitão* (QUEIRÓS, 1977). Ao unir-se a Virgulino, Maria Bonita instaurou um novo tempo no cangaço, que exigiu também uma nova ética. De acordo com Lins (1997), ao verem-se rodeados por mulheres, os cangaceiros tornaram-se ainda mais cuidadosos com sua aparência pessoal. Sob a forte influência feminina a qual estavam submetidos, os trajes e acessórios dos “cabras” passaram a ser customizados, ganhando novos elementos como joias, moedas, flores bordadas em couro e estrelas feitas em metal. Além destes componentes mundanos/seculares, havia a presença de adornos religiosos como medalhas de santos (principalmente as de São Jorge e Nossa Senhora), além de objetos de mandinga (como os patuás, que serviam de proteção). A nova aparência dos cangaceiros, suavizada por estes e outros adereços, acabou refletindo-se também em suas ações.

Uma vez ingressadas no cangaço, os papéis sociais se invertiam para as mulheres. Diferentemente das famílias que viviam no litoral, mais expostas às inovações trazidas do exterior, estas mesmas repercussões não eram toleradas no interior do país, mas duramente rechaçadas. Naqueles tempos, conforme Santos Jr. (2010), quando a sertaneja se casava, imediatamente morria para o mundo: passava a se vestir de preto, não se perfumava mais e nem arrumava os cabelos como antes. Esperava-se que fosse uma esposa fiel, uma mãe dedicada e uma dona de casa prendada. Com tanta reclusão, engordavam e perdiam a graça de outrora. Com uma cangaceira, o mesmo não se dava: no cangaço, “comida sempre foi tarefa dos homens nos coitos, nos acampamentos, antes e depois das mulheres serem admitidas. [...] A grande maioria esperava ser servida. Até mesmo que lhe dessem a comida na boca, como o fazia Zé Baiano com sua amada” (ARAÚJO, 1982 *apud* SANTOS JR., 2010, p. 130). Ao fim e ao cabo, para elas, os fins justificavam os meios (DÓRIA, 1981), uma vez que haviam deixado tudo para trás para acompanhá-los e servi-los.

Podemos dizer que o cangaço indistintamente fagocitou para os seus bandos donzelas como Dadá, assim como filhas de fazendeiros abastados, além de moças sem tantos recursos e, claro, mulheres casadas, como Maria Bonita, que abdicaram da vida que levavam para seguirem aqueles heróis/anti-heróis. Uma parte delas aderiu ao cangaço voluntariamente como Maria Bonita, Inacinha, Cristina e Dulce; outras como Dadá, Sila e Lidia o fizeram através da coerção sexual ou para proteger seus companheiros, tal como aconteceu com Enedina (QUEIRÓS, 1977).

Quer por vontade própria quer por vontade do cangaceiro que as escolhiam, aquelas mulheres tiveram uma vida de privações e dificuldades múltiplas. Sobre este tema discorreremos na sessão seguinte.

## O QUE SIGNIFICAVA SER CANGACEIRA NO NORDESTE DOS ANOS 1930-1940

Independente do lapso que nos separa daqueles idos, admitamos: não era fácil ser cangaceira e optar pela clandestinidade violenta, viver escondida e alerta em meio ao mato seco e bravio do semiárido; sem luxos, sem higiene, sem segurança no porvir; parindo nos matagais e ocultando os restos dos partos sob o solo poeirento e causticante. Os perigos não se restringiam aos possíveis abusos domésticos que pudessem sofrer, mas se estendiam à violência gratuita com a qual eram tratadas quando eram capturadas pelas “volantes”, os caçadores de cangaceiros. Estupros, espancamentos, torturas, mutilações e assassinatos com requintes de crueldade eram práticas sádicas comumente utilizadas pelos “macacos” contra elas, que conheciam de perto a dor que o cangaço trazia (FREITAS, 2005). Apesar de todos os perigos, para elas o que importava é que estavam ali para estar com seus homens, viverem e morrerem junto com eles, se este fosse o caso. E foram muitas as que se arriscaram nesta aventura de ser a voz da justiça em uma terra sem lei: Maria Bonita, Dadá, Sila, Durvinha, Maria Jovina, Neném, Quitéria, Áurea, Bídio, Mariquinha, Sebastiana, Otília, Enedina, Inacinha, Rosinha, Dulce, Eleonora, Adelaide, Otília, Moça, Lili, Sabina, Lídia, Adília, Maria de Azulão, Veroniquinha, Cristina e muitas outras; ao todo, aproximadamente quarenta. Dentre todas estas sertanejas que guerrearam junto com seus homens pelos grotões dos chãos dos sertões; que por eles e com eles viveram, lutaram, sofreram e morreram, destaca-se a presença de duas: Maria Bonita e Dadá, as companheiras inseparáveis de Lampião e de Corisco. Duas mulheres que, literalmente, “dominavam uma fera perigosa” como Zé Ramalho escreveu e Amelinha canta.

Com exceção dos casais Dadá e Corisco, Enedina e Cajazeiras além de Sila e Moreno, todos os outros eram amancebados. Casados ou amasiados, todos seguiam a mesma norma de conduta no que dizia respeito às relações matrimoniais e quem não se regia por ela pagava um alto preço. A relação virilidade guerreira *versus* virtude feminina tinha que se manter estritamente vinculada ao código de honra por eles adotado. Assim foi que, por suposição de adultério, Lídia, Maria Jovina e Lili foram brutalmente assassinadas por seus homens. O caso de Lídia foi o mais sangrento de todos porque se tratava de uma mulher visivelmente depressiva e que mantinha um romance clandestino há três anos com Bem-te-vi. Ao ser descoberta a traição, Zé Baiano a matou a pauladas, ainda que chorando convulsivamente, sob o olhar atônito e impotente de todo o bando. Bem-te-vi foi poupado. Por este exemplo percebe-se que a fidelidade masculina era inquestionável e a feminina, imperdoável. Para evitar maiores problemas, solteiros e casados eram separados uns dos outros.

A pena de morte se estendia também àquelas que se recusassem contrair união matrimonial com outro cangaceiro quando da morte de seu companheiro. Foi o que aconteceu com Cristina e Rosinha: ao enviuvarem, esboçaram o desejo de deixar o cangaço. Vendo nisso um possível problema, a mando do “Capitão”, foram sumaria-

mente assassinadas a golpes de punhal (GRUNSPAN-JASMIN, 2001). Ainda que hoje nos pareça cruel e injustificável esta banalização da violência contra a mulher, ela coadunava com os interesses culturais dos nossos de então. Como supracitamos, o código do sertão diferia do código do litoral. O sertanejo, embrutecido por suas condições desfavoráveis de sobrevivência, intocado pelos refinamentos europeus da *Belle Époque* no que tange à conduta social, entregava-se às suas emoções mais visceralmente instintivas quando o assunto era “lavar a honra”. Por “lavar a honra” leia-se: “lavá-la com sangue”. Por esta razão, a justiça passava ao largo dos que matavam para limpar a nódoa deixada por uma “vingança fundamentada”. Por extensão, no cangaço, este código não poderia ter tido distintos matizes. Imperava a *Lex Talionis*: “Dente por dente; olho por olho”, dos que agiam “sob forte emoção” e “com privação de sentido”. Dificuldades e feminicídio esporádico à parte, havia momentos de muita descontração nos bandos, especialmente nas festas animadas pelo chiado das chinelas dançando o xaxado nas noites escuras de um Nordeste ainda sem eletrificação rural.

De acordo com Clemente (2007), a vaidade feminina era uma das características *sui generis* das cangaceiras. O cabelo era um assunto que lhes dava prazer: o mantinham bem penteado, com brilhantina, preso com ricas fivelas e pega-rapazes. Além do toucado bem tratado, possuíam indumentárias especiais que utilizavam a depender da situação (se uma *soirée*, um baile na cidade ou uma batalha travada no coração da mata). Além disso, usavam chapéus de feltro, meias e luvas resistentes aos arbustos, alparcatas de couro e cartucheiras estilizadas. As fotos com elas costumavam ser tiradas em clareiras, onde os cachorros de estimação do grupo prestavam-se como figurantes. Curiosamente, Maria Bonita e Dadá divergiam no que se refere às suas posturas nas fotografias: a primeira era sempre retratada como as modelos que estampavam as revistas femininas da época e que eram lidas por ela com avidez; a segunda, como uma belicosa e entregue guerreira. Em várias, Lampião aparece lendo romances de Edgar Wallace, jornais e revistas e, em muitas destas revistas, as reportagens sobre ele próprio e seus homens figuravam como manchete principal (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Não era somente nas poses das fotos que estas duas mulheres diferiam. Na verdade, duas cangaceiras não poderiam ser mais diferentes uma da outra do que Maria Bonita e Dadá. As características mais patentes destas duas guerreiras do sertão e suas discrepâncias são tratadas a seguir, quando avaliamos cada uma separadamente e logo, ambas psicologicamente, sob a égide do cangaço.

### MARIA BONITA, A SANTINHA DE LAMPIÃO

*Acorda, Maria Bonita Levanta, vai fazer o café  
Que o dia já vem raiando E a policia já está de pé  
(Volta Seca, “cabra” de Lampião)*

É interessante ressaltar que apesar de haver sido a mulher mais destacada na vida de Lampião, o cangaceiro mais ilustre e sobre quem recai o maior número de pesquisas acadêmicas, Maria Bonita não é tão exaustivamente relatada nem estudada quanto Dadá. Analisando-a, deparamo-nos com referências bibliográficas escassas e reticentes acerca desta sertaneja que imprimiu com o próprio sangue sua trajetória na História do Brasil – razão pela qual fomos tomadas de um anelo ainda maior de traçar um esboço de sua passagem por terras nordestinas e de sua contribuição para com a nossa cultura.

Maria Gomes de Oliveira, a Maria Déa ou Maria Bonita, a dona incontestável do coração do “Capitão”, viveu apenas vinte e sete anos. Neta de avó holandesa e de avô português, seus pais João Casé e Maria Déia tinham uma fazenda (Malhada do Caiçara) fincada na fronteira entre os estados da Bahia e de Sergipe (QUEIRÓS, 1977). Eram coiteiros. A família numerosa era composta de doze filhos além de Maria Déa: José, Ozéias, Ananias, Isaías, Arlindo, Benedita, Antônia, Dorzina, Chiquinha, Naná, Dondon e Deusinha, como defende Fontes (1988).

Casada por conveniência, aos dezesseis anos com o sapateiro José Miguel da Silva, não teve com ele um matrimônio feliz e o mesmo não lhe rendeu prole. A jovem sonhava com um grade amor e destinava suas inclinações amorosas mais ardentes para Lampião. A futura Rainha do Cangaço era uma mulher de beleza agreste: tinha a testa protuberante, o nariz bem trabalhado, os lábios grossos, as pernas roliças e possuía um temperamento másculo e aventureiro (FONTES, 1988). Sua mãe, preocupada com a infelicidade marital da filha e vendo sua inclinação pelo Rei do Cangaço, fez saber a este, através do cangaceiro Luiz Pedro, o que sua filha aspirava. Recado dado, Lampião entusiasmou-se com a descrição da moça feita por seu “cabra”: corpo volumoso, cabelos negros, belo sorriso, baixa e morena (FREITAS, 1997). Quis o destino que os dois se conhecessem em fevereiro de 1930 e que se apaixonassem. Maria Déa contava na época com pouco mais de dezenove anos e Lampião continuou a visitá-la e cortejá-la durante um ano, até que ela se decidiu a deixar o marido para segui-lo (GRUNSPAN-JASMIN, 2001).

De acordo com Lins (1997), Lampião lutou contra seus próprios instintos quando decidiu incorporar Maria Bonita ao bando. Foi desaconselhado a fazê-lo por Sinhô Pereira e Pe. Cícero, seus referenciais de sabedoria; enfrentou o descontentamento de seus homens e sua consciência gritava-lhe que, segundo os preceitos cristãos, a mulher era a veiculadora do Mal e, portanto, a presença dela no meio deles semearia a discórdia e a desavença. Lampião nunca foi um sedutor; ao contrário: era tido por muitos como um asceta, de acordo com Queirós (1977). Tímido, foi vencido pelo amor recalcado. A mãe de Maria Bonita aprovou de imediato a nova relação da filha que, ansiosa, esperava por seu herói: “Estou pronta! Vamos! Se você não quiser, eu quero!” (LINS, 1997, p. 43).

Maria Déa entrou para o bando e abriu um precedente: tornou-se a primeira mulher a entrar para o cangaço, ainda que sem pegar em armas, e pavimentou o caminho para que outras fizessem o mesmo (FREITAS, 2005). Já como amásia de Virgulino, sofreu

vários abortos e teve apenas uma filha (Expedita Ferreira Nunes), que sobreviveu milagrosamente às intempéries daqueles dias difíceis. A menina escapou à sina de seus irmãos porque foi criada pelo coiteiro Manoel Severo, que já tinha doze filhos e cuja filha caçula havia nascido com dias de diferença de Expedita. Assim, fez-se correr a notícia entre os vizinhos de que as duas eram gêmeas, calando a curiosidade alheia e provendo uma ama de leite à pequena, que somente viveu um mês e meio ao lado dos pais biológicos (SOUZA e ORRICO, 1984). A criança foi por eles visitada algumas vezes e seguiu sendo criada por sua família adotiva depois da morte de seus genitores, longe dos riscos constantes da morte certa na caatinga (quer fosse pela traição de um coiteiro, por um ataque repentino dos “macacos” ou pelas doenças que grassavam e ceifavam vidas infantis).

Maria Bonita, a *Santinha* como Lampião a chamava, gostava que a achassem bela. Na verdade, “Santinha” era um nome bastante comum em Pernambuco àquela época e foi uma homenagem de Lampião ao seu primeiro amor, uma moça por quem se apaixonara, mas por quem não fora correspondido, como expõe Lins (1997). Lampião chamava Maria Déa de Santinha, mas contrariando as expectativas, nunca se referiu a ela como *Maria Bonita* (QUEIRÓS, 1977). Vaidosa, a Rainha do Cangaço trazia sempre em seu bernal o pente, o espelho, o batom, a escova dental, o talco e o perfume, segundo Freitas (2005). Tal era sua elegância que logo depois da reportagem fotográfica de Benjamim Abraão, a imprensa passou a ressaltar o charme da “Madame Pompadour do Cangaço”.

Segundo Dadá relatou muitos anos depois, já findo o cangaço, havia certo grau de rivalidade feminina entre ambas. Conhecida por seu mau gênio, Maria Bonita chegava a ser cruel em suas retaliações contra possíveis rivais que ameaçassem sua relação com o “Capitão”, mas inúmeras foram também as vidas poupadas através de sua poderosa influência sobre ele. Na verdade, Maria Bonita e Dadá nunca chegaram a ser amigas, apenas mantinham uma boa convivência por necessidade. Dadá sempre a qualificou de esnobe e afetada, além de voluntariosa, mandona e ranzinza. Em um dado momento, devido a um desentendimento envolvendo o nome de *Maria de Lampião*, o “Capitão” e Corisco, estes dois últimos chegaram a dividir-se em dois grupos distintos e ficaram quase dois anos sem o mais mínimo contato (FREITAS, 2005).

No entanto, apesar do que lhe dizia sua *Santinha* com respeito a intrigas entre as duas, Virgulino tinha muita estima e admiração pela companheira de seu melhor “cabra”, a imprescindível Dadá, a *sussuarana* de Corisco.

## DADÁ, A SUSSUARUNA DE CORISCO

A cangaceira Dadá tornou-se uma das figuras mais emblemáticas do cangaço em função de sua participação direta nos embates com as volantes, nas invasões a cidades e povoados. Enfim, destaca-se, sobretudo, por sua prática e postura belicosa, imagem que faz questão de alimentar mesmo após o fim do cangaço (FREITAS, 2005, p. 132).

Dadá, ou Sérgia Ribeiro da Silva, foi de incalculável valor dentro do contexto do cangaço porque, dentre outros feitos, foi a primeira cangaceira a atuar efetivamente ao lado de seu companheiro de vida e de luta. Posteriormente, foi a voz que não se permitiu calar frente ao golpe de olvido que ameaçava emudecer a importância do cangaço para a nossa história contemporânea.

Nascida em Belém de São Francisco, Pernambuco, nos idos de 1915, teve contato com os índios autóctones em sua primeira infância e deles muito aprendeu. Era uma menina prendada e, segundo palavras de Araújo (1982), confeccionava suas próprias roupas deste a mais tenra idade. Aos treze anos trasladou-se com a família para a Bahia e foi precisamente nesta idade que seu mundo transformou-se por completo. Tinha um namorado chamado Cazuzza, que era cinco anos mais velho do que ela e com quem Dadá jamais trocou mais do que algumas olhadas furtivas (ARAÚJO, 1982). Não obstante, o destino lhe havia reservado um homem bem menos inocente: Corisco, o “Diabo Louro”, seu primo e braço direito de Lampião, conhecido e temido por sua ferocidade.

Para ganhá-la, Corisco a violentou. Foi um defloramento de tal maneira brutal que quase causou a morte da jovem por hemorragia. Depois do estupro, Dadá foi sequestrada e obrigada a coabitar com seu violador. O fato de se haver juntado ao bando de Lampião, ainda que forçosamente, trouxe à sua família grande dissabor porque a indispôs contra a polícia, que frequentemente visitava a casa em busca de indícios de Corisco e desapidadamente torturava seus moradores. Paulatinamente, o ódio de Dadá por seu malfeitor foi cedendo espaço ao amor... Corisco a tratava bem, como era comum entre os cangaceiros, e ensinou-a a manejar armas de fogo, ler, escrever e fazer contas. Em troca, Dadá foi-lhe uma companheira fiel e deu-lhe sete filhos (o primeiro - de quem não se sabe o nome, Josafá, Manuel, Sílvio, uma natimorta, Celeste e Maria do Carmo), dos quais, infelizmente, somente três chegaram à vida adulta, conforme Soares (1984).

Mulher ativa e trabalhadora, se dedicou a servir prazerosamente Lampião e seu bando nos ofícios de costureira, jagunça e parteira (DÓRIA, 1981). Foi uma valente, uma mulher dotada de uma sensibilidade especial para com os sonhos e as premonições que lhe avisavam quando a “volante” se aproximava; uma guerreira valiosa e que lutava bravamente ao lado de Corisco para defender a si, seu homem e seus companheiros. Após a emboscada que culminou na morte de Lampião, Maria Bonita e outros nove do bando na Gruta de Angicos, em Sergipe, Corisco vingou-se cruelmente dos acaguetes. Sem se fazer esperado, entrou na fazenda Patos, em Piranhas, e matou seis pessoas da família do vaqueiro Domingos Ventura, o provável delator, decapitando em seguida sua esposa e sua filha e levando consigo as cabeças. Desgraçadamente, comprovou-se *a posteriori* que se havia cometido uma injustiça. Eram todos inocentes.

Por fim, acabou ele mesmo morto em outra emboscada, armada pelo Coronel José Rufino em 1940. Desta feita, ao perceberem o ardil que se lhes havia sido preparado, Corisco e Dadá tentaram pular uma cerca de roça e rumar em direção à caatinga de quebra-facão e umburana em volta do roçado. A tentativa foi em vão. Corisco foi

baleado pelas costas e as balas que partiram daquela metralhadora assassina atravessaram-lhe os intestinos. Suas vísceras escaparam-lhe junto com o sangue e se misturaram à terra. Mortalmente ferido, seu corpo inerte ficou relegado debaixo de um umbuzeiro. Seus intestinos foram recolocados e seu corpo enrolado com uma manta para absorver o sangue. Dadá foi gravemente ferida a bala no tornozelo direito e teve o pé estraçalhado, quase que completamente partido, seguro somente pelo tendão de Aquiles. Lívida de dor, implorou insistentemente aos “macacos” que lho cortassem, mas nenhum se atreveu a fazê-lo. O resultado foi uma série de desmaios contínuos devido à dor lancinante. Ainda assim, jamais foi capaz de esquecer a alegria com a qual os soldados cantavam ao lado de seu marido moribundo. Corisco, arquejante, calado pelo ódio, apenas pediu água, mas não permitiu que outra pessoa que não fosse Dadá lhe desse de beber. Depois de uma agonia que durou aproximadamente doze horas, o “Diabo Louro” morreu entre as três e as quatro horas da manhã do dia 25 de maio de 1940. Teve a cabeça cortada e seu corpo incompleto foi sepultado em Djalma Dutra, em uma cova rasa. Na hora do enterro, Dadá não pôde estar presente: sobre um colchão infecto, estava tendo a perna direita amputada devido à gangrena que se formou rapidamente (ARAÚJO, 1982).

Para ela, a maior batalha foi empreendida fora da caatinga: já recuperada, dedicou-se a reaver e enterrar os restos mortais de seu marido que foram confiscados pelo Museu Nina Rodrigues para posterior estudo. Sua vitória veio no dia 13 de julho de 1977, quando conseguiu reunir e sepultar condignamente o que dele restou (FREITAS, 2005). Dadá reconstruiu sua vida ao casar-se novamente, mas infelizmente pouco sabemos deste novo homem com quem ela dividiu trinta e cinco felizes anos, ainda que sem filhos em comum. Com o passar do tempo, seus filhos com Corisco foram retornando aos poucos à sua companhia, afirma Araújo (1982). Inacreditavelmente, muitos anos depois da chacina que a vitimou, Dadá teve um último e definitivo encontro com seu algoz e assassino de seu esposo. Zé Rufino, arrependido de haver matado Corisco, em seu leito de morte, pediu-lhe perdão a Dadá: “É um remorso que tá (sic) comigo e eu não posso morrer com ele. Mas você veio me ver e me perdoar. [...] Eu não queria matar Corisco. Eu pedi pra ele se entregar” (SOARES, 1984, p. 81-82).

Por seu espírito combativo dentro da solidão da caatinga e já como ex-cangaceira, ao render-se à máquina repressora do Estado, Dadá tornou-se o símbolo da mulher que não se permite ser amordaçada pela couraça da impotência. Sua luta foi reconhecida em homenagens prestadas e entrevistas concedidas que registraram sua inteligência e articulação. Morreu na periferia de Salvador em 1994, aos setenta e oito anos, e seu corpo repousa no cemitério Quinta dos Lázaros.

Para melhor compreendermos o espírito indômito de Maria Bonita e Dadá, representantes fidedignas de suas congêneres, analisamos ambas psicologicamente à continuação. Tanto uma como outra foram mulheres fortes, fáticas e empoderadas - cada uma a seu modo; mulheres que se destacaram por seu caráter bélico, ao mesmo

tempo que compassivo; diferentes entre si ao mesmo tempo que unidas pelo amor a assassinos que se intitulavam “justiceiros”.

## UMA BREVE ANÁLISE PSICOLÓGICA DE MARIA BONITA E DADÁ

O século XX surgiu em meio ao contexto vitoriano de passividade feminina, para o qual o ideal do ser mulher era focado no afã de ser casada e de ter filhos, cabendo a ela a função afetiva, o cuidado no gerenciamento da casa e na educação dos filhos. Esta imagem de fragilidade socialmente desejada fez com que a mulher passasse a assumir um diminuído papel social perante o homem ao reforçar-lhe o sentimento de potência. A mulher do litoral (que tinha maior acesso às inovações culturais e modismos) e a mulher do sertão (que não podia vivenciar uma sensualidade e a manifestação de seus desejos devido à forte submissão que devia ao marido e à sociedade) não aceitavam as transgressões dos valores habituais do cangaço. Em meio a este cenário excludente para a cangaceira havia a ruptura, como assegura Nunes (2000), do rótulo da virtude casta e dependente da figura masculina para o estabelecimento de um novo padrão de natureza transgressora. A cangaceira, por não sofrer a influência dos ideais europeus em relação à constituição do ser feminino, vivia sob a égide do código do sertão, que lhe impunha, sobretudo, a necessidade de ser forte o suficiente para sobreviver à dureza climática do semiárido. Mais ainda, diante de tanta adversidade, a expressão dos sentimentos de afeto, raiva e desejo sexual não tinha os mesmos protocolos que a sociedade propunha como atos civilizados. Na lei do cangaço não havia desonra para a mulher que vivesse com um cônjuge sem a bênção cristã, desde que a mesma fosse fiel não apenas ao seu companheiro, mas também aos ideais dos grupos justiceiros. A vivência marital sem o casamento formal não era percebido como algo aversivo ou pecaminoso e, neste contexto, até mesmo familiares e maridos aceitavam ou eram levados forçosamente a deixar que suas donzelas e esposas partissem para uma vida de incertezas e riscos, de vivências sexuais sem os pudores socialmente impostos e de vida nômade, impensável e inaceitável para a mulher litorânea da aurora do século XX, onde o estilo de vida ditado pela *Belle Époque* as tornava fúteis.

Segundo Freud (1905-1989), o ser mulher é o resultado de um longo processo de lapidação da construção psíquica. Inserida em um contexto histórico e cultural pré-determinado, mesmo sendo anatomicamente feminina, o sujeito pode nunca amadurecer psicologicamente ao ponto de tornar-se efetivamente mulher. Desta forma, a cangaceira nada mais era do que um produto duramente lapidado pela necessidade de sobreviver à aridez do sertão e às circunstâncias adversas. As guerreiras da caatinga viviam à sombra, na mais completa clandestinidade e em constante estado hipervigil, por representarem a quebra com o dogma da passividade e da fragilidade femininas.

No novo estilo de vida, tiveram que desapegar-se de sonhos por elas idealizados e rapidamente resignificar a realidade que se lhes apresentava, por vezes marcada pela violência sexual advinda de seus próprios companheiros. Mais ainda: o sertão solidificava-lhes o caráter diante de tantas privações (de recursos higiênicos e básicos para a manutenção de uma qualidade de vida razoável, do rechaço e indiferença sociais a que eram submetidas e da estratégia de sobreviverem fugindo de seus inimigos, entre outras tantas adversidades). Apesar de todas as abstinências materiais e mesmo da violência empregada, havia a expressão do amor entre os pares. Maria Bonita ansiava por um relacionamento amoroso com o líder mais famoso do cangaço e não apenas isso: queria romper a relação insípida que mantinha com seu primeiro esposo e aventurar-se sertão adentro. Dadá, ainda que tenha sido violentada pelo companheiro e tenha sido obrigada a conviver com o mesmo em ambientes inóspitos contra sua própria vontade e a de sua família, passou, com o tempo, a amar este homem que a transformou em uma mulher fállica e temida, ao mesmo tempo que admirada e imitada.

Mas o ser forte não representava para as cangaceiras a perda de si mesmas e de suas feminilidades, pelo contrário: era comum ver o quanto eram cuidadosas com sua aparência (roupas, cabelos, maquiagem, acessórios e poses para fotos). Ameno (2000) compreende que o poder fállico está diretamente relacionado à capacidade de tomada de decisão que viabilize a saída da passividade para a condição de ser agente de suas próprias vidas, abordando sua sexualidade da mesma forma que os homens, sem os temores e pudores idealizados para a mulher e tendo também o poder sobre seus companheiros.

Assim sendo, Maria Bonita e Dadá assumiram a condição de empoderadas e, na ausência do falo anatômico, criaram em si mesmas o preenchimento do vazio de suas personalidades fortes através de atitudes que explicitavam este empoderamento. A companheira de Lampião sabia impor seus desejos a ponto do “Capitão” atender suas demandas sem maiores questionamentos. Supostamente frágil, mostrava seu poder de sedução e imposição no instante em que algo ameaçava suas intenções e era consabido o quanto era implacável com rivais ou supostas rivais. Dadá, por sua vez, como expõe Dória (1981), viveu sua feminilidade através da sexualidade e de sua sensualidade manifestadas na fortaleza de caráter, da capacidade intuitiva extraordinária e de suas habilidades para a costura e o ofício de parteira, na mesma proporção em que se permitiu ser construída no cangaço, tornando-se uma mulher plena de autoridade ao lutar junto com seu esposo e demais companheiros de armas.

Por último, Friedrich (1996) coloca que, ao mesmo tempo em que é forte, a mulher fállica passa a buscar o ser virilizado, seguro e forte o bastante que a faça desvencilhar-se da autodefesa masculina e viver a feminilidade socialmente aceita em sua completude, ainda que temporariamente. Mesmo os homens do cangaço sendo “justiceiros”, a brutalidade do sertão não era absoluta: Maria Bonita conseguia de Lampião todo o cuidado e mimos que pudesse desejar e Dadá via no seu homem a personificação do feminino nos atos de gentileza espontânea ao fazê-la aprender a ler, contar e manusear

armas. Estas mulheres poderosas, por vezes confundidas com másculas ou masculinizadas, conseguiram exercer com perfeição sua feminilidade, amainando e tornando menos embrutecidos os homens que com elas compartilhavam vida, luta e morte.

Podemos dizer, em outras palavras, que a presença feminina no cangaço aplacou a brutalidade que existia neste meio antes de seu advento. Os cangaceiros, ao verem-se acompanhados de mulheres com quem podiam extravazar tensões bélicas em forma de tensões sexuais, suavizaram-se. Como Lampião foi educado pela avó para respeitar a mulher, obrigou o grupo a demonstrar igual respeito, o mesmo comportamento de deferência para com o elemento feminino. Carinhosos e desvelados para com suas companheiras, aqueles assassinos cruéis diferiam completamente do protótipo que se criou para caracterizá-los. Correspondendo ou não à realidade, este perfil por vezes facínora e por vezes delicado foi plasmado à exaustão na Literatura Brasileira, quer em forma de Literatura de Cordel quer transvestido nos romances regionalistas. A presença do cangaço em nossa Literatura é o tema sobre o qual discorreremos a seguir.

## O CANGAÇO NA LITERATURA BRASILEIRA

Os cangaceiros, representados por Lampião (seu líder maior) e por outros chefes de bandos como Corisco e Antônio Silvino, sempre dividiram opiniões: para uns foram assassinos sanguinários, sedentos de vingança; para outros, como nós, autoras deste artigo, foram justiceiros - homens marcados pela égide da incompreensão, que campeavam soltos pelos sertões do nordeste do Brasil entre os idos de 1870 e 1940. Suas vidas errantes e calcadas na “justiça feita com as próprias mãos” foram a representação violenta de uma voz que não era ouvida e que necessitou desta catarse para ser respeitada como o clamor de um povo que também era parte integrante da nação de outrora, ainda que esquecida.

Se eles foram e são vistos com reserva, suas companheiras de armas e de vida, as cangaceiras, o foram e o são muito mais, uma vez que eram mulheres em um Brasil ainda intocado pela segunda onda do feminismo que somente afloraria nos Estados Unidos e na Europa vinte anos depois de oficialmente extinto o cangaço em terras brasileiras. Analisadas a partir de uma ótica feminista, as cangaceiras bem poderiam ser a representação desta mulher que rompe padrões, que provoca, que inquieta e que muda paradigmas. No entanto, à sua época, este perfil não lhes poderia corresponder. Marcado profundamente pelo coronelismo que até hoje impera de alguma maneira, o Nordeste daqueles idos era impermeável a estas mulheres temerárias, que infundiam mais medo do que respeito.

Polêmicas e contradições à parte, alguns são os autores e os romances brasileiros que tratam do cangaço e dos cangaceiros, quer de forma positiva, quer de forma negativa. Dentre os mais famosos podemos destacar: *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Cangaceiros* (1938), de José Lins do Rego, *Seara Vermelha*, de Jorge Amado e

*D'A Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1972), de Ariano Suassuna. O cangaço foi inegavelmente uma forte influência na obra de todos estes escritores premiados e reconhecidos como exponenciais de nossas Letras. No entanto, percebemos que as cangaceiras *não receberam* deles o mesmo tratamento. A bem da verdade, as informações a respeito destas mulheres intrépidas e que são oferecidas pela maioria das fontes que analisamos para a concepção deste trabalho, as tratam de maneira preconceituosa e/ou tendenciosa. No mais das vezes são vistas como meras acompanhantes de seus homens, bandoleiras cruéis e hábeis amazonas, peritas no manejo de rifles e punhais e tão destemidas ou até mais ferozes do que os próprios cangaceiros.

Foi por esta e outras razões, a partir do intuito maior de fazer justiça à importância de sua representação enquanto mulheres importantes no contexto social de sua época, refletidas na Literatura com base em suas práticas culturais, que nos dedicamos aqui a apresentar resumidamente alguns dados acerca da vida das duas cangaceiras mais importantes desta seara, as duas pilastras nas trajetórias de Virgulino Ferreira da Silva (vulgo Lampião) e de Cristino Gomes da Silva Cleto (mais conhecido como Corisco, o Diabo Louro): respectivamente a vaidosa e fállica Maria Bonita e a bela e beligerante Dadá. Todas as demais cangaceiras são importantes, em maior ou menor grau, mas fogem ao escopo deste estudo. Assim sendo, nossa análise das duas mulheres em questão foi abordada sob um prisma mais humano, tratada psicologicamente, a fim de oferecer uma imagem diferente delas e que não é costumeiramente encontrada nos textos literários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, inferimos e destacamos a importância das mulheres para o cangaço como agentes de transformação social dentro deste movimento visceralmente associado ao elemento masculino. A presença feminina, ainda que tardia e limitada, amenizou o caráter mais belicoso destes justiceiros temidos por muitos e admirados por outros tantos.

No centro desta egrégora estão Maria Bonita e Dadá, as cangaceiras mais emblemáticas dentre todas, as vigas emocionais nas vidas de Lampião e Corisco respectivamente, os dois chefes de bandos de cangaceiros mais conhecidos, poderosos e respeitados de todos os tempos na nossa História. O cangaço já não tem representantes vivos, mas a memória destes homens e mulheres audazes e aventureiros, por vezes desumanos, por vezes condescendentes, alude ao tema proposto para este número da Revista RAÍDO, “Literatura e Práticas Culturais”, no contexto do Brasil entre o final do século XIX e meados do século XX, quando o cangaço esteve presente e atuante, incomodando e mudando conceitos.

Por tudo isso, cremos que as cangaceiras, representadas neste artigo por Maria Bonita e Dadá, merecem um estudo tão ou mais aprofundado do que o cangaço e os

cangaceiros (analisados à exaustão), uma vez que sempre lhes subestimamos a participação literária em detrimento da presença massiva do elemento masculino nas obras que lidam com este que foi um dos movimentos mais tradicionalmente vinculados ao nordeste brasileiro e ao sertão inóspito em particular, abrigo de nossas manifestações culturais mais genuínas.

Quem era mais bandido? Nós que dividíamos o que roubávamos, ou eles que roubavam o que dividíamos? (**Sila, cangaceira**)

## REFERÊNCIAS

- AMENO, A. *A função social dos amantes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ARAÚJO, A. A.C. de. *Gente de Lampião: Dadá e Corisco*. São Paulo: Traço Editora e Distribuidora Ltda., 1982.
- CLEMENTE, M. E. de A. *Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião*”. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, n. 4. p. 1-18, 2007.
- DÓRIA, C. A. *O cangaço*. Série Tudo é História. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1981.
- FONTES, O. C. *Lampião na Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1988.
- FREITAS, A. P. S. de. *A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)*. 2005, 242 f. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Ciências e Letras de Assis) - Mestrado em Letras: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2005.
- FRIEDRICH, M. F. Contribuições a formação de uma identidade travestista. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v.7, n. 1, p. 61-70, 1996.
- GRUNSPAN-JASMIN, E. *Lampião, senhor do sertão*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LINS, D. *Lampião, o homem que amava as mulheres – o imaginário no cangaço*. São Paulo: Annablume Editora, 1997.
- NUNES, S. A. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- OLIVEIRA, K. et al. *Novos tons de rosa (cartas e bilhetes de Virgulino Ferreira da Silva, o lampião: sócio-história, funções e um pouquinho de descrição lingüística*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- QUEIRÓS, M. I. P. de. *Os cangaceiros*. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda., 1977.
- SANTOS Jr. (2010). As Marias no Cangaço: faces femininas no banditismo social (1930-1940). *Historien – Revista de História*, v.3, p. 121-135, 2010.

SOARES, P. G. *Vida, paixão e morte de Corisco, o diabo louro*. Porto Alegre: Le PM Editores Ltda., 1984.

SOUZA, I. R. de S.; ORRICO, I. A. *Sila – uma cangaceira de Lampião*. Santos: Traço Editora e Distribuidora Ltda., 1984.